

Audição, Comunicação e Perda Auditiva Leve na Criança.

Iêda Chaves Pacheco Russo

Amanda, cinco anos, por mais que se esforce não consegue entender quando falam de longe com ela, principalmente quando a voz é feminina, fraca e monótona e o falante o faz em ambiente barulhento. Até que ponto estaria sua audição comprometida? As características vocais e as condições acústicas do ambiente, poderiam estar influenciando este comportamento auditivo?

A audição desempenha um duplo papel no processo de aquisição e desenvolvimento da comunicação oral, pois permite à criança ouvir a língua falada por outras pessoas e monitorizar sua própria produção sonora. Além de funcionar como um mecanismo de defesa e alerta contra o perigo, que funciona 24 horas por dia, pois nossos ouvidos não descansam, nem quando adormecemos. A audição é fundamental no desenvolvimento e manutenção da comunicação por meio da linguagem falada.

A comunicação se faz, primordialmente, por meio desta linguagem e, ao nos comunicarmos, compartilhamos com alguém um conteúdo de idéias, pensamentos, experiências, passando a ter com ele algo em comum. A comunicação trata do rir, do argumentar, aprender sobre o porquê das coisas, contar histórias, queixar-se sobre o que é e o que não é, enfim, compartilhar sonhos e celebrar vitórias.

A comunicação ocorre dentro um conjunto de circunstâncias naturais e pode usar uma variedade de meios, ou seja, gestos, linguagem corporal etc. Todavia, o meio primordial de comunicação é a produção de sons da fala. Em outras palavras, o homem se comunica por meio da linguagem, produzindo, assim, arranjos simbólicos significativos de palavras. Para que esta comunicação seja efetiva, é preciso estabelecer uma relação muito importante que pressupõe uma tríade, ou seja, variáveis relacionadas ao ouvinte, ao ambiente e ao falante.

Ouvinte

Nível de audição.

Atenção à mensagem falada: escuta.

Sensação de intensidade - “Loudness”.

Sensação de frequência - “Pitch”.

Ambiente

Intensidade do ruído ambiental: relação sinal/ruído.

Acústica do ambiente – excesso de reverberações.

Excesso de distrações visuais.

Distância entre a fonte e o receptor.

Falante

Intensidade da mensagem falada.

Ritmo e velocidade de fala.

Tipo de material de fala.

Co-articulação e fatores suprassgmentais.

Articulação, pronúncia e regionalismos.

Qualidade vocal do falante.

Em primeiro lugar, do ponto de vista do ouvinte, o nível de audição, ou seja, o limiar de audição que lhe permita detectar os sons. O atributo da sensação auditiva em termos de que sons podem ser ordenados em uma escala musical ou de tonalidade, variando de graves a agudos, é denominado de sensação subjetiva de frequência ou “pitch”. Já a “loudness” é definida como sendo o atributo da sensação auditiva em termos de quais sons podem ser ordenados em uma escala que varia de fraco a forte (Russo, 1999).

As alterações de orelha média nos primeiros anos de desenvolvimento de uma criança, além de passarem despercebidas por pais e professores, podem produzir efeitos secundários que acabam por comprometer as habilidades auditivas, prejudicando a aquisição e o desenvolvimento adequado da linguagem.

A perda auditiva é uma deficiência, uma incapacidade e uma desvantagem oculta, especialmente na criança que não pode dizer que não está ouvindo bem. Se não detectada e tratada em tempo hábil, pode levar a um retardo grave no desenvolvimento da fala e linguagem, além de gerar problemas sociais, emocionais, educacionais e de saúde. Uma perda auditiva leve costuma ser muito freqüente em crianças, na faixa etária dos pré-escolares, pode levar a conseqüências desastrosas, na detecção de alguns sons de fala.

A dificuldade de audição compromete significativamente o processo de aprendizagem e, mesmo limiares auditivos leves flutuantes, podem ser mais prejudiciais do que perdas leves persistentes, devido à inconstância sonora na recepção das pistas acústicas (Russo, 1985; Sebastião, 1994).

É importante diferenciar a atitude de ouvir e de escutar. Para que haja possibilidade de entender a fala, é fundamental a atitude de escuta, porque pressupõe hierarquizar um estímulo em detrimento dos demais, ou seja, o comprometimento de atenção. A sensação de intensidade do falante e a sensação de frequência, por sua vez vão depender da sua configuração audiométrica, da distância que ele estiver, da fonte produtora, no caso do falante.

A acústica do ambiente pode interferir nesse processo. Um ambiente muito grande, com excesso de reverberação, com excesso de estimulação visual, também pode prejudicar a inteligibilidade da mensagem. Com relação à intensidade do ruído ambiental, sabe-se que a relação sinal ruído é algo que pode prejudicar a discriminação de fala; se o ruído for excessivo, será preciso elevar o nível de intensidade de voz, o que não facilitará a sua discriminação, uma vez que as vogais são aumentadas e não as consoantes, carregando estas últimas, maior informação do que as primeiras para a inteligibilidade da fala.

Outro aspecto a ser observado é a distância adequada entre o receptor e o falante, que

não deverá ultrapassar a um metro a fim de possibilitar melhor inteligibilidade de fala. Em relação às variáveis do falante, a intensidade da mensagem falada é algo fundamental e, ao ser retirada, vai comprometer em demasia a audibilidade do sinal. Se esta intensidade for aumentada em demasia, produzirá o mesmo efeito deletério na compreensão da mensagem falada.

No Brasil, a língua é extremamente complexa, o dicionário é um dos maiores e as palavras deverão ser faladas, articuladas dentro de um tempo e em uma velocidade que permitam ao interlocutor decodificá-las. Portanto, o tipo de material de fala empregado deve priorizar o uso de palavras familiares dentro de um contexto que seja do conhecimento dos interlocutores (Russo e Behlau, 1993).

A fala não é constituída de fonemas isolados, pois eles recebem a influência daqueles que os antecedem, dos que o sucedem. É importante o padrão de entonação, das pausas no discurso e da flutuação. A intenção do falante é percebida na forma como ele utiliza a intensidade e a variação na sua frequência fundamental. Articulação, pronúncia e regionalismos, são fatores importantes que interferem na percepção da mensagem. Dependendo da agilidade de encadear diferentes ajustes motores e necessários à articulação dos sons de fala e da noção e controle de tempo interior do falante, a mensagem poderá ser ou não compreendida (Russo e Behlau, 1993).

A qualidade vocal, isto é, a impressão total deixada pela voz, é um aspecto que também influencia a inteligibilidade da fala. Quanto mais aguda, fraca e monótona for a voz do falante, mais difícil será para o ouvinte compreender a mensagem. Portanto, uma criança que apresenta uma perda auditiva leve, principalmente decorrente do aumento de massa na cavidade timpânica provocado pelo acúmulo de secreção, vai experimentar uma diminuição da detecção de sons de frequência alta, sendo mais prejudicada quanto mais aguda e fraca a voz do falante se apresentar.

Conclusão

No caso de Amanda, que com cinco anos, por mais que se esforce não consegue entender quando falam de longe com ela, principalmente quando a voz é feminina, fraca e monótona e o falante o faz em ambiente barulhento, podemos levantar a hipótese de que ela apresente uma perda auditiva leve, estando, portanto, o seu comportamento auditivo sofrendo as conseqüências das variáveis citadas neste capítulo.

Leitura recomendada

1. Russo ICP. Achados impedanciométricos em crianças de níveis sócio-econômicos baixo, médio e alto. Estudo comparativo. [Dissertação] São Paulo, 1985. Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina.
2. Russo ICP. Noções de Acústica e Psicoacústica aplicadas a Fonoaudiologia. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Lovise, 1999.
3. Russo ICP e Behlau M. Percepção de fala: análise acústica do português brasileiro. São Paulo: Lovise, 1993.
4. Sebastião LT. Otite média e retenção escolar: estudo da audição e do passado otológico de escolares do 1º grau. [Dissertação]. Marília, 1994. Universidade Estadual Paulista.